

# Esse artigo foi digitalizado da revista Astréa - Revista de Estudos Maçônicos N° 34



Ir.: Carlos Alberto Carvalho Pires

Na Idade das Trevas, quando o espírito repressor de quem detinha o poder podia atingir limites inimagináveis, uma terrível Cruzada irrompeu no sul da Europa. As vítimas foram membros de um pequeno grupo religioso, conhecido posteriormente como catarismo. Tal movimento, cuja origem e evolução ainda não foram satisfatoriamente explicadas, deixou como legado um grande exemplo de luta e coragem, raramente visto em outros momentos.

Vamos realizar, ao longo deste trabalho, uma breve viagem no tempo. Voltaremos até o final do século XI e início do XII, em uma área situada ao Sul da atual França. Essa região, de grande beleza natural, era povoada por uma comunidade feliz, tranquila e extremamente avançada para a época, em termos de bem-estar e harmonia social. Havia riqueza abundante e fartura material, raras na Europa Medieval. Em termos políticos, era um oásis de liberdade, pois se tratava de um território praticamente independente de qualquer poder central. Alguns au-

tors acreditam que ali os Templários iriam fundar seu Estado, se não tivessem sofrido os reveses do início do século XIV.

Tudo caminhava em paz, até que a extrema arrogância de poucos acabou com esse paraíso na Terra. Disfarçados de defensores de Deus, os algozes, na verdade, queriam a incorporação política da região ao reino da França. Ao lançarmos luzes sobre os meandros, que envolveram esse triste capítulo, uma certeza inquestionável nos é apresentada: os fundamentos doutrinários de nossa Ordem foram fortemente influenciados por toda essa complexa situação e posteriores desdobramentos, advindos dessa experiência histórica. Portanto, ao estudarmos esse assunto, estaremos entendendo, um pouco mais, o próprio fenômeno maçônico.

Em meados do século XI, ao Sul da atual França, na região, antigamente, conhecida como Ocitânia, hoje denominada Languedoc – ambos os termos significando *terra da língua do sim* – surgiu um movimen-

to fundamentalista cristão, pacífico, que via no exemplo de vida de Jesus, simples e sem luxo algum, a base de sua doutrina. Acima de tudo, a palavra de ordem era humildade e desprezando a soberba, a arrogância e os valores mundanos.

Os integrantes desse movimento foram chamados, pelos historiadores eclesásticos, de “Cátaros” – derivação de *katharoi*, puro, em grego. Considerado uma heresia pela cúria romana, tal movimento agregava integrantes de todas as classes sociais, sem distinção entre os sexos. Uma vez que o termo “heresia” deriva do latim *haeresis*, que, por sua vez, veio do grego *hairesis*, que significa capacidade de escolher, heresete tornou-se sinônimo de Cátaro.

Pregando o retorno ao Cristianismo primitivo, desprezavam a intermediação de qualquer instituição terrena nas questões de fé, defendendo a ligação direta dos servos com o Divino. Argumentavam que não se apregoa, em nenhum momento, nos Evangelhos, a existência da Igreja ou de qualquer autoridade re-

**Na região do Languedoc, no Sul da França, ainda jazem as ruínas dos muitos castelos que foram arrasados pelos cruzados de Simon de Montfort, como o aparentemente inexpugnável Montségur.**

gularitória da espiritualidade das pessoas. A salvação viria em seguir o exemplo de Jesus, com uma vida serena, livre de qualquer vaidade relativa ao mundo material. De nada adiantaria a existência de uma Igreja, como forma de canalização da vontade de Deus em relação às questões seculares – esta, talvez, fosse a maior das heresias: afirmar que não haveria justificativa para a existência da estrutura eclesástica. A busca do divino através de experiências místicas diretas era uma das suas principais características. Dessejavam uma comunhão direta com o Criador, transcendendo o campo pessoal. Para isso, teriam que atingir a sabedoria superior – a chamada Gnose.

Como principal texto doutrinário, utilizavam o Evangelho de São João e o chamado *Evangelho do Amor*, texto não reconhecido pela Igreja. Realizavam obras sociais concretas, ajudando os necessitados de diversas maneiras, pois acreditavam que a fé só seria uma experiência válida se exercida na prática. Investiam, por exemplo, em campanhas de promoção à saúde e educação, sempre gratuitas. Nesse ponto, percebemos que a preocupação com a filantropia, tão em voga atualmente, já existia nesta época. Seria uma forma de busca da perfeição como ser humano, ou de aproximação com o divino.

Por não exercerem nenhuma forma de hierarquia, respeitando os credos diversos e pela união sincera entre todos, podemos afirmar que exerciam fielmente os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Em relação à Arquitetura, deixaram um grande legado. Construíram castelos maravilhosos e abadias grandiosas em regiões de difícil acesso, nos cumes de montanha e perto de precipícios.

Além de proteger contra ataques, possibilitava aos fiéis observarem vistas maravilhosas das paisagens, a partir de suas sacadas. Hoje, tais obras são famosos pontos de turismo e visitação.

Revestido pelo caráter humanístico, aceitando todos indistintamente e primando pelo exercício pleno da filantropia, tal movimento crescia vertiginosamente e começava a incomodar as autoridades eclesásticas.

Pelo conjunto de ideias em franca disseminação e pelas ações junto às comunidades, os chamados heréticos se tornaram alvo da atenção do Papado e da Coroa da França. Em 1.165, houve a primeira condenação formal, realizada na cidade de Albi, localizada no Languedoc. Desse fato, deriva o termo *Al-*

*bigense*, utilizado para denominar a Cruzada e, também, o próprio movimento.

O papa Inocêncio III convocou os fiéis para uma ação religioso-militar, conhecida como *Cruzada Albigense*. Sob a liderança de Simon de Montfort, no período de 1209 a 1224, e depois comandada pelo rei Luís VIII, de 1226 a 1229, foi a primeira a combater apenas no continente europeu. Outra particularidade era que o alvo se constituía não por mouros invasores da Terra Santa, mas por uma pacífica comunidade cristã. O absurdo da situação espelhava o caos que imperava nas colunas paulinas e o total desprezo à dignidade humana.

No primeiro ano, um contingente de trinta mil cruzados se lançou rumo ao Languedoc, não apenas com-

**Simon de Montfort, o rei de França Luís VIII e o papa Inocêncio III, os três principais protagonistas desta história de horror.**



12

**@SEÇAO133**

Revista de Filosofia Oculta, História e Ciências da Religião



**Iluminuras medievais nas crônicas que reportam a cruzada albigense:**  
 1. Inocêncio III e seus legados;  
 2. Enviados do papa junto ao rei Luís VIII de França;  
 3. O papa excomunga os hereges;  
 4. Cruzados massacraram os cátaros.

batendo os cátaros, mas todos aqueles que se encontravam pela região. Quem surgisse pela frente sofreria as ações violentas, mesmo sendo católico fiel. Os "cavaleiros" foram alistados entre os piores tipos disponíveis, como condenados, desordeiros e mercenários. A violência contra a população foi extremamente severa. Os registros da época nos mostram um horror e uma carnificina sem igual na história ocidental. A turba feroz e enlouquecida, fortemente armada, arrasava pela espada tudo que se mexesse. A ordem do dia era atacar primeiro e pergunte – ou erre – depois...

Apenas na cidade de Béziers, em 1209, mais de sessenta mil sucumbiram queimados ou espartilhados. Existe a lenda de que, às portas da cidade, os cruzados relutaram por um momento antes do confronto, ao perceberem que havia muitos católicos e pessoas comuns pela cidade. Mas foram incentivados pelo prelado do Vaticano, ali presente, o arcebispo **Arnaud Amaury**, que tranquilizou os presentes, dizendo que matassem todos, "porque deus não cuida dos seus, posteriormente".

Arrasada a cidade de Béziers, os cruzados marcharam triunfalmente para Carcassonne, onde **Simon de Montfort** se apossou dos condados de Trencavel, Alzonne, Franjeaux, Mirepoix, Pamiers e Albi. Em todos, a matança foi maciça e cruel. Muitos eram queimados vivos, em fogueiras coletivas com até quinhentos indivíduos. Mulheres, crianças, idosos e deficientes não eram poupados. O ânimo dos "guerreiros" era estrondoso, porque sabiam que, se combatessem fervorosamente por quarenta dias, teriam seus pe-



cados perdoados e direitos legítimos às riquezas, originadas dos saques.

Há de se registrar a postura solene e tranquila da maioria das vítimas ao se encaminharem para o sacrifício, sem lamúrias nem choro, em sua fé inabalável, servindo como sustantivo espiritual naquele momento de horror. Mesmo quando a única certeza era queimar lentamente em uma fogueira humana.

Por volta de 1224, o rei Luís VIII, liderando os barões do Norte, empreendeu uma nova cruzada, após a morte de **Montfort**, em 1218. Essa empreitada durou cerca de três anos e chegou até Avignon, onde terminou o cerco aos hereges. Em 1229, foi realizado um acordo, conhecido como tratado de Meaux, entre o rei da França e os senhores feudais das áreas conquistadas, passando o domínio completo para a coroa francesa. Terminava oficialmente a guer-

ra. A anexação plena da região havia sido obtida.

No curto espaço de tempo em que durou o massacre, centenas de milhares tombaram. Os números são



variados e não muito confiáveis. A única fonte de registro oficial pertence aos arquivos dos vencedores. Alguns autores mencionam quase um milhão de vítimas, trucidados diretamente em combate ou nas fogueiras acesas após a conquista das cidades. Os poucos aprisionados terminavam agonizando em masmorras subterrâneas, caquéticos pela fome ou consumidos por doenças. A morte, nesses casos, era lenta e terrivelmente cruel.

Após arrefecer a fúria cruzada, os sobreviventes passaram a pregar, como faziam os primeiros cristãos, em catacumbas, cavernas e nas florestas. Isto porque a cruzada albigense, apesar de sua brutalidade atroz, não fora suficiente para exterminar todos os indivíduos nem tampouco seus ideais.

**Duas interpretações do massacre de Béziers, uma medieval e outra de pintor contemporâneo, são evidências de que o ultraje não foi esquecido oitocentos anos depois.**

Minuciosa versão do artista francês **L. Derrien** reconstituiu a aparência do castelo de **Mont Segur** pouco antes da invasão dos cruzados



(Reprodução)



O massacre de Béziers, do pintor francês **Jacques Fauché** (1927-2013)

## @SEÇÃO133

Revista de Filosofia Oculta, História e Ciências da Religião



**Perguntado pelos soldados como separar os cátaros dos católicos por um soldado, o arcebispo Arnaud Amaury teria replicado: – Mate todos. Deus reconhecerá quais são os Seus... Aqui, o ‘piedoso’ prelado aparece junto com outros religiosos, como S. Domingos de Gusmão, que se reconhece pelo halo à volta da cabeça. Lamentavelmente, a Ordem dos Pregadores, ou Dominicanos, seria utilizada nos processos da Inquisição.**

O fortalecimento da Igreja e sua hegemonia como “representante única de Deus na Terra” estavam garantidos. Porém, ainda havia reminiscências que deveriam ser resolvidas. A perseguição deveria persistir, mas de forma pontual e constante. Alguns hereges haviam escapado. Juntamente com outros que maquinavam contra a “fé sagrada”, necessitavam ser corrigidos. Não mais seria possível – nem interessante –

empregar uma nova cruzada. Esta via indicado o uso de métodos mais “inteligentes”, sem grande estardalhaço, mas com a mesma crueldade dos anteriores, marcando com sangue a vontade soberana do poder.

Em 1231, já refletindo esse novo *modus operandi*, o papa Gregório IX lança a bula *Excommunicamus*. Tal documento estabelecia a nova forma de ação, buscando a confissão dos hereges em julgamentos eclesiásticos. Encarregados de tais missões, surgiam as “cortes”, chamadas genericamente de *Tribunal do Santo Ofício*. Os que pensavam de forma contrária ao “bom senso” reinante estariam sujeitos à perda de propriedades, da liberdade e da própria vida – sua e daqueles que os protegessem. A nova diretriz aproveitava para proibir a manutenção de Bíblias nas casas de pessoas comuns.

Em 1233, o mesmo Gregório IX lançou duas bulas que efetivavam as ações do Tribunal do Santo Ofício. Destaca-se a bula *Licet et Capiendo*, dirigida aos Dominicanos.

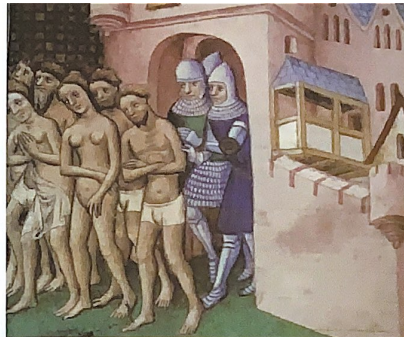
**Esta página de uma crônica dos tempos medievais, mostra o suplício de Dona Geralda, castela de Lavaur, capturada por Simon de Montfort, em 1211, atirada em um poço. Naquele incidente, 400 cátaros foram lançados às chamas em nome da pureza da fé...**

Determinava que seriam estes os responsáveis pelas ações contra os suspeitos. Ordenava que não poupassem métodos para obter as confissões. Exigia apoio do poder secular, privando os pecadores dos benefícios espirituais com severas censuras eclesiásticas.

No ano de 1252, o papa Inocêncio IV publicou o documento *Ad extirpanda*, autorizando o uso de tortura física para se obter confissões. Além de trazer uma série de orientações aos inquisidores, continha uma frase que resumia bem os ânimos da época: “os hereges devem ser esmagados como serpentes venenosas”. O conjunto de ações direcionadas a inquirir ou questionar o comportamento dos desgarrados ficou conhecido como *Santa Inquisição*, nome que se tornou sinônimo de tortura, horror e irracionalidade.

O mundo ocidental atravessava uma fase de trevas. Para nós, em pleno século XXI, é quase impossível imaginar o grau de terror a que a população em geral estava sujeita. Qualquer denúncia podia gerar os mais dolorosos sofrimentos. Milhares foram torturados. A criatividade humana projetava os mais engenhosos instrumentos, construídos exclusivamente para causar dor. A confissão era essencial para que os bens do infiel escotassem diretamente para os cofres do clero. O medo se espalhava nas pequenas comunidades. À chegada das comitivas da Inquisição, seguiam-se as cenas de brutalidade, que culminavam em fogueiras humanas em locais públicos. Os “julgamentos” eram aberrações jurídicas. Enquadrado por heresia, bruxaria ou qualquer outro comportamento não muito cristão, o infeliz não tinha a mínima chance de escapar.

Essas manifestações tenebrosas de autoritarismo teriam efeitos nas almas daqueles que não aceitavam esse desrespeito flagrante aos direitos humanos. Do campo teórico, esses bravos partiram para a prática. Reunidos em associações secretas, começavam o trabalho de resgate dos mais nobres valores, como integridade física, liberdade e igualdade. Nessas entidades seria escolhida a escolha criteriosa dos membros, pa-



ra evitar que mais elementos os espíritos se infiltrassem. Os segredos que porventura existissem deviam ser garantidos por julgamentos severos. A fraternidade tinha que ser perfeita entre todos, como se fossem irmãos de sangue. O objetivo, inicialmente, seria proteger os perseguidos pelos tiranos. Passada a fase mais sangrenta, as metas seriam ampliadas. A busca pela evolução geral da humanidade, até mesmo para evitar catástrofes como essas se repetissem, passaria a ser a razão de existir dessas sociedades esotéricas, cercadas de símbolos e mistérios iniciáticos.

Para a maioria dos estudiosos, as origens da Maçonaria se dispersam nos registros formais da historiografia. Não temos uma única e definitiva versão desse processo. Os dados oficiais, em grande parte, se perderam ao longo do tempo. Devido à perseguição visceral, os antigos irmãos se viram obrigados a maciça e eficientemente, destruírem atas, livros e todos os documentos que seriam valiosos aos estudos contemporâneos.

O que existe de real e incontestável é que, no início, éramos uma sociedade que visava proteger homens perseguidos por qualquer forma de tirania. Os riscos, a que todos estavam sujeitos, eram tão terríveis que juramentos e códigos severos de conduta se tornavam essenciais.



**Expulsão dos cátaros da cidade de Carcassonne, em 1209. Homens e mulheres receberam maus tratos igualmente por causa de suas crenças e práticas religiosas. A coroa francesa soube aproveitar da desventura dos nobres e povo do Languedoc para anexá-los.**

ções humanas jamais tivesse existido. Foi esse, perturbadora e fascinante, que nos levou a pesquisar sobre o assunto. ▲

Certamente a aproximação dos cátaros e nossa Sublime Ordem se estabelece de forma direta, em uma relação simples de causa e efeito. Sem a existência dos eventos aqui estudados, talvez faltasse a motivação para que os Irmãos do passado se dedicassem tanto à criação e fortalecimento das Colunas seminais da Loja. Os Germes das escolas iniciáticas, formadas por homens livres, que necessitavam de proteção mútua, se lançavam ao custo de muito trabalho, sangue e dedicação nesse alvorecer da humanidade.

Podemos afirmar que se o catarismo não tivesse ocorrido – assim como sua aniquilação sangrenta posterior – talvez a mais perfeita das associa-

**Monumento aos cátaros em Minerve, na Ocitânia, onde ainda se comemora o dia de Montségur, com destaque para a pomba, um dos símbolos maiores do catarismo. Abaixo, a cruz dos condes de Toulouse, também chamada de cruz cátara.**



## @SEÇÃO133

Revista de Filosofia Oculta, História e Ciências da Religião